



FUTURE-SE
Assembleia de professores condenou o programa e definiu calendário de mobilização. AdUFRJ começou ciclo de debates

Páginas 4 e 5

PARTICIPE DA GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO, DIA 13

Página 5

MEC **CORTA** MAIS E DEIXA UFRJ À BEIRA DO COLAPSO



“A Universidade se manterá aberta por teimosia. O ritmo e a forma de liberação de recursos do atual governo parece objetivar o fechamento. É impressionante que um Ministro que tanto fala em eficiência adote uma prática que impede o planejamento. Hoje, a UFRJ não pode pensar em um horizonte de 15 dias, em razão das práticas do atual MEC”

Carlos Frederico Leão Rocha
Vice-reitor da UFRJ

1.

SEGURANÇA

Empresas de vigilância não recebem há três meses.

2.

LUZ

Conta de energia elétrica está atrasada seis meses.

3.

ÁGUA E ESGOTO

Em 2019, só foram quitadas as faturas de janeiro e fevereiro.

4.

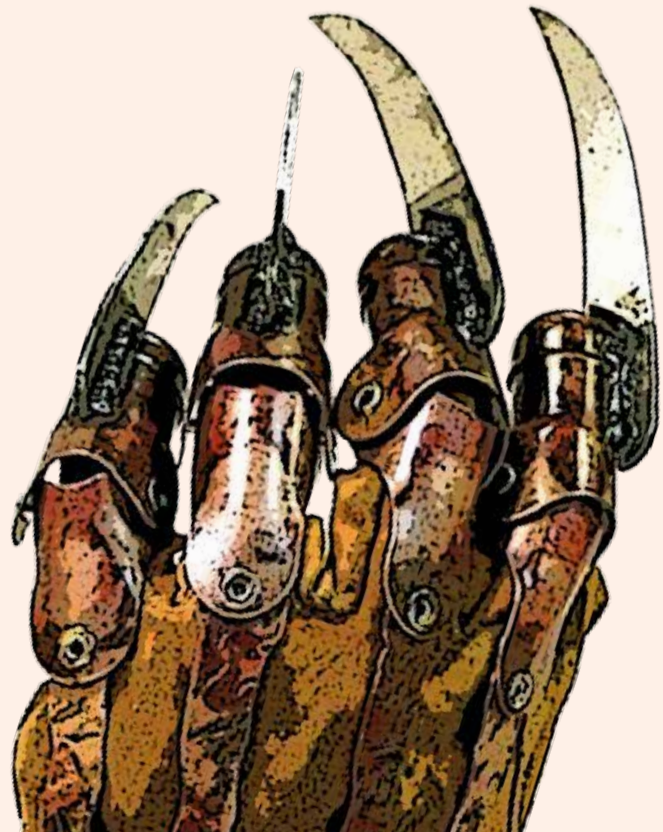
ALIMENTAÇÃO

Pagamento dos fornecedores dos restaurantes universitários está atrasado dois meses.

5.

COMBUSTÍVEL

Despesas com combustível estão vencidas há dois meses.



EDITORIAL



FERNANDO SANTA CRUZ, PRESENTE

DIRETORIA DA ADUFRJ

Na transição de uma ditadura para o Estado Democrático de Direito, memória e verdade são temas essenciais. Nesse sentido, é um grande entrave para a consolidação democrática do Brasil que o drama dos desaparecidos políticos ainda seja uma ferida aberta, uma questão longe de estar esclarecida.

Felipe Santa Cruz, presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, é filho de Fernando Santa Cruz, pernambucano radicado no Rio de Janeiro, militante de esquerda, desaparecido em 1974. Até hoje não se sabe o que lhe aconteceu e onde estão seus restos mortais. Em sua homenagem o Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal Fluminense (UFF) foi batizado com o seu nome.

O presidente da República faz declarações levianas e provocadoras ao falar do desaparecimento de Fernando Santa Cruz, numa postura inconcebível de desrespeito aos Direitos Humanos e aos familiares de mortos e desaparecidos vitimados pela Ditadura Militar. E inteiramente incompatível com o cargo que ocupa.

A ADUFRJ manifesta seu total repúdio a estas declarações e sustenta a posição de que a prática dos desaparecimentos forçados merece ainda investigação idônea e profunda para que a página do arbítrio possa ser virada. Nenhuma democracia se constrói sobre o legado vivo de uma ditadura. A memória histórica deve ser conquistada e defendida com empenho.

Manifestamos todo o nosso apoio a Felipe Santa Cruz e à própria OAB.

IMAGEM DA SEMANA

ATO DA ABI EM DEFESA DO JORNALISTA GLENN GREENWALD REÚNE MULTIDÃO NO CENTRO DO RIO: "NÃO VOU FUGIR DESSE PAÍS"

A Associação Brasileira de Imprensa organizou, no dia 30 de julho, um ato em apoio ao jornalista Glenn Greenwald, fundador e colunista do site The Intercept Brasil. Responsável pela divulgação dos áudios de autoridades da operação Lava-Jato, o jornalista passou a receber ameaças de prisão e até de morte. "Esse passaporte me permite ir para o aeroporto a qualquer minuto e sair do país. Eu não me importo com as ameaças que (o presidente Jair) Bolsonaro fez contra mim. Eu não vou fugir desse país", disse o jornalista, ovacionado pela multidão.



OBSERVATÓRIO DO CONHECIMENTO



A Adufrj e o Observatório do Conhecimento lançaram campanha em defesa da universidade e dos professores. Instalações estão no Fundão e na Praia Vermelha.

AGENDA

06/08
17H

ATO CONTRA A PEC DA PREVIDÊNCIA

Passeata com concentração na Candelária

13/08
17H

GREVE NACIONAL DA EDUCAÇÃO

Atividades ao longo do dia e passeata no Centro

Risco de fechar: UFRJ está sem dinheiro para o 'básico'

> Em julho, MEC repassou menos da metade dos recursos mensais previstos. A crise é tamanha que não há verba para pagamento de combustível, segurança, luz, água e restaurantes universitários

ANA BEATRIZ MAGNO
E KELVIN MELO
comunica@adufrrj.org.br

A maior universidade federal do Brasil está à beira do colapso. Na mesma semana em que o governo anunciou mais um corte de R\$ 348,5 milhões na Educação, a reitoria passou os dias implorando aos credores a manutenção dos serviços prestados. "A Universidade se manterá aberta por teimosia. O ritmo e a forma de liberação de recursos do atual governo parece objetivar o fechamento", lamenta o vice-reitor da UFRJ, professor Carlos Frederico Leão Rocha. "É impressionante que um Ministro que tanto fala em eficiência adote uma prática que impede o planejamento. Hoje, a Universidade não pode pensar em um horizonte de 15 dias, em razão das práticas do atual MEC."

No início de maio, o governo contingenciou R\$ 114 milhões do orçamento de R\$ 377 milhões da instituição. Do que restou e ainda não foi executado, só tem autorizado pequenas liberações. A última, na véspera da apresentação do Future-se, em 16 de julho, foi de apenas 5% do custeio e 10% do investimento, num total de R\$ 17 milhões. "Isso nos possibilitou fazer o empenho das despesas somente até metade do mês de maio", afirma o pró-reitor de Planejamento e Finanças, professor Eduardo Raupp. "Em julho, o governo passou menos da metade do previsto. Vivemos mendigando. É uma humilhação com a UFRJ".

Não há dinheiro para pagar todas as contas de luz, água, segurança, combustível e alimentação. As dívidas se acumulam. Credores solicitam reuniões. Tudo isso perto do recomeço das aulas. No início da semana, o fornecedor do maior restaurante universitário informou que não poderia manter o serviço, depois de dois meses sem receber. A reitoria conseguiu abater parte da dívida, mas ainda há risco ao funcionamento.

Com a segurança patrimonial, o cenário é desolador. Na última quarta-feira, as duas maiores firmas prestadoras de serviço da UFRJ - Front e Angel's - avisaram que não têm mais condições de honrar o pagamento da folha de suas equipes. A universidade não paga há três meses.

O preço da pendura é alto e coloca em risco a vida e o trabalho da comunidade acadêmica. O Laboratório de Virologia Molecular do Centro de Ciências da Saúde (CCS) foi roubado pela segunda



RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO Funcionamento ameaçado por falta de recursos

vez no ano na madrugada de domingo, 28. Até junho deste ano, foram registrados 18 furtos em prédios da universidade, sendo oito apenas no mês de janeiro. No mesmo período, em 2018, foram reportados 11 furtos. Já nos primeiros seis meses de 2017, apenas três assaltos foram informados à Divisão de Segurança (Diseg). "Só tenho seis vigilantes para todo o prédio do CCS", afirma o decano Luiz Eurico.

A Diseg atribui o aumento dos roubos de patrimônio à redução do quadro de vigilantes terceirizados. A universidade foi forçada a renegociar os contratos em função da asfixia orçamentária dos últimos anos.

Outra ameaça ao presente da UFRJ é o fornecimento de energia elétrica. Em 2019, apenas a fatura de janeiro foi honrada. "Abrimos negociação com a Light para fazer algum tipo de parcelamento", explica o pró-reitor de Planejamento e Finanças.

Com relação ao fornecimento de água e tratamento de esgoto, a situação é parecida: só foram pagos dois meses deste ano. Há dívidas de três anos acumuladas com a Cedae.

Por lei, as empresas terceirizadas devem sustentar a prestação de serviços por até 90 dias sem pagamentos da administração pública. "Sem uma nova liberação, vamos começar a entrar no limite do risco de se empresas descontinuarem o serviço. Transporte e alimentação estão mantendo com dois meses de atraso", informa Raupp. "Estamos negociando com a máxima transparência para que estes contratos não sejam rompidos".

A esperança de um alívio gira em torno do anúncio de uma nova liberação de recursos pelo MEC na próxima semana.

com o MEC, negocia com os credores e corta na própria carne. A reitoria decidiu suspender todas as despesas de viagens (passagens e diárias). Só serão mantidos os custos com bancas, trabalhos de campo e compromissos essenciais da gestão universitária. Também continuam bloqueadas - estas, desde maio - as despesas voltadas para capacitação de pessoal.

Também não foi possível distribuir, ainda, a segunda parcela anual do orçamento participativo - repasse da reitoria às unidades e decanias para despesas do cotidiano.

A administração central estudou outras medidas de corte, se a liberação de agosto não se confirmar ou se for aquém do esperado. Mesmo se o MEC liberasse todo o orçamento (contingenciado ou não), a UFRJ chegaria ao final do ano com uma estimativa de R\$ 115 milhões de déficit.

CORTANDO NA CARNE

A UFRJ enxuga gelo e atua em três frentes: mendiga recursos

O QUE A UNIVERSIDADE NÃO CONSEGUE PAGAR



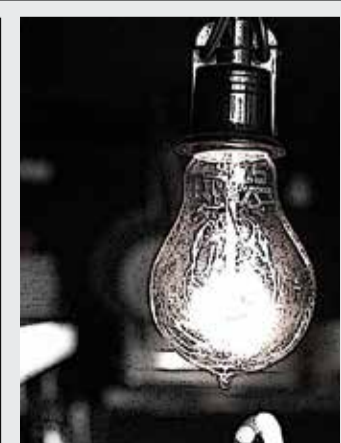
SEGURANÇA

Pagamentos de empresas de segurança estão atrasados há três meses. Firms dizem que não têm como manter o serviço.



COMBUSTÍVEL

Pagamentos de combustível da sucateada frota da UFRJ estão atrasados há dois meses. Há risco de desabastecimento.



LUZ

Light liga de dois em dois dias para cobrar. Semana que vem tem reunião. Reitoria tenta parcelamento da dívida.



VIAGENS

Somente aquelas essenciais à gestão da UFRJ, as de trabalho de campo e relativas às bancas estão sendo autorizadas.



ÁGUA

Três anos de dívidas. Total ultrapassa R\$ 40 milhões. Esse ano só foram pagos dois meses. Está sendo negociado acordo judicial.



BANDEJÃO

Dois meses sem pagamento. Um dos fornecedores informou que não pode manter o serviço. Reitoria abateu parte da dívida.

Não há futuro para uma UFRJ autônoma no Future-se

> Pró-reitor de Planejamento e Finanças da universidade, Eduardo Raupp criticou propostas de Fundo Soberano do Conhecimento e contratos com Organizações Sociais, em debate da AdUFRJ

KELVIN MELO
kelvin@adufjr.org.br

“Autonomia universitária está colocada em xeque”. O alerta é do pró-reitor de Planejamento e Finanças da UFRJ, professor Eduardo Raupp, no dia 31 de julho, em debate organizado pela Adufjr no bloco A do CT sobre o Future-se. “Vivemos uma situação surreal. Não temos orçamento para pagar nada. E o governo vem com uma proposta apontando um fundo que virá ‘libertar’ as universidades”. Para Raupp, o modelo proposto pelo governo ameaça a segurança institucional e oferece riscos de privatização da universidade, por meio de organizações sociais. Apesar de realizado durante o recesso da universidade, o debate atraiu muitos professores, técnicos e estudantes, interessados em ouvir a análise de Raupp. Ele presenciou as duas apresentações feitas pelo MEC em Brasília e considera que o projeto não apresenta nenhum conceito de universidade. “É um projeto mais econômico do que educacional”, afirmou.

O chamado “Fundo soberano do conhecimento” e a gestão das universidades por Organizações Sociais são, para Raupp, o “coração” do projeto. De acordo com o MEC, o fundo teria R\$ 100 bilhões. E as universidades poderiam acessar a rentabilidade do montante por meio de projetos. O principal aporte, de R\$ 50 bilhões, viria de terrenos e prédios cedidos pela União ao ministério. “Até agora, não temos uma lista de qual é este patrimônio nem do



FERNANDO SOUZA

ALERTA No primeiro debate promovido pela Adufjr para discutir o Future-se, pró-reitor de Planejamento e Finanças aponta riscos do projeto

estudo de seus potenciais usos”, observou o pró-reitor. Pior: especialistas dizem que um fundo desta natureza demoraria cinco anos para começar a render.

Mas, ainda mais complicado no Future-se, para a reitoria, são os contratos de gestão firmados com organizações sociais. “É um contrato que diz o seguinte: ‘Segura na mão de Deus e vai!’”, brincou o professor. Só após a assinatura, serão definidos o Comitê Gestor, os critérios da governança e os indicadores que devem ser atendidos. “Existe uma gambiarra em que nós repassamos a gestão da universidade para uma organização privada. Mesmo com toda a superficialidade do Future-se, o pró-reitor

da UFRJ deixou um alerta: “É muito importante não subestimar a força política deste governo no Congresso. Por mais que possamos dizer que estas propostas são absurdas, que não estão bem explicadas, o governo está articulado”, disse. Ele lembrou que o Future-se altera 17 leis diferentes e teme que o governo desista de apresentar um projeto de lei, utilizando medidas provisórias para implantar as mudanças mais rapidamente. Uma reunião do Consuni foi convocada para discutir o tema no próximo dia 8.

DEBATE

Professor da Faculdade de Farmácia, Hélio de Mattos Alves

crítico a fragmentação universitária sinalizada no projeto do MEC, com disputa aberta por recursos entre universidades e até mesmo entre departamentos de uma mesma instituição. “Nós temos este sonho, que começou com o Plano Diretor, de uma universidade mais integrada”, disse. “Com este projeto, a fragmentação será acelerada. tudo isso vai por água abaixo”, completou.

Nelson Braga, professor do Instituto de Física, atacou o discurso do secretário de Educação Superior do MEC de que os competentes vão sobreviver, porque vão captar recursos. “Temos de dizer que não é questão de competência. A universidade não é autossustentável”, disse.

ADUFRJ

A apresentação do pró-reitor da universidade inaugurou um ciclo de discussão organizado pela associação docente para discutir o programa do MEC. Presidente da AdUFRJ, a professora Maria Lúcia Werneck disse que o objetivo é preparar uma resposta ao governo: “Temos de refletir, entender e criar argumentos que sejam capazes de desmistificar o que está sendo colocado como a salvação da universidade”, disse. “Sabemos que não é a salvação, mas precisamos nos armar do ponto de vista argumentativo para responder à altura, para esclarecer a sociedade e para buscar alianças que nos permitam resistir”.



Professores aderem à greve nacional da educação, dia 13

> Paralisação terá atividades ao longo de todo o dia. Greve ganha fôlego depois do anúncio do Future-se, programa que modifica a gestão e o financiamento das universidades e institutos federais

ELISA MONTEIRO e SILVANA SÁ
comunica@adufjr.org.br

Indignação com o programa Future-se mobilizou os docentes na última assembleia geral da Adufjr, realizada no Fundão e na Praia Vermelha, no dia 1º. Por 67 votos favoráveis, três contrários e um branco, eles decidiram participar da Greve Nacional da Educação marcada para 13 de agosto. A reunião endossou a posição da diretoria da Adufjr contra o projeto do MEC.

“Na nossa avaliação, trata-se de um projeto de natureza altamente nociva, que visa desfazer todo o sistema público de ensino e de pesquisa do país”, disse

Lígia Bahia, vice-presidente da associação docente, na abertura do debate. “Ele extrapola as universidades e institutos federais, incidindo sobre a Capes e o Ministério de Ciência e Tecnologia”, justificou. Lígia reforçou a importância da mobilização dos docentes, estudantes e funcionários. E a ampliação de canais de diálogo “dentro e fora da universidade”.

Uma comissão de docentes foi formada para organizar todas as atividades de resistência ao Future-se, incluindo o ato do dia 13. A paralisação é organizada pela União Nacional dos Estudantes e já havia sido indicada pelo Conselho do Andes, o Conad, em meados de julho.

Durante o debate, mais de

20 professores expressaram preocupações em relação ao Future-se. A professora Aline Monteiro, Faculdade de Educação, afirmou que é preciso buscar apoio popular. “Mesmo que a universidade diga que não vai aderir ao projeto, os cortes não terminam se não tivermos apoio da população para garantir recursos públicos para o ensino superior”, ponderou.

Cinda Gonda, da Faculdade de Letras, considera que o problema central do projeto é “a afronta à autonomia universitária”. “Tudo o que construímos desde a redemocratização, uma luta de mais de 30 anos, está sendo destruído. Este é um projeto inaceitável”.

Luciana Bouteux, da Faculdade Nacional de Direito, condenou

severamente o projeto. “Cada vez que a gente lê o Future-se, toma um susto. São várias cascas de banana contra as universidades”, destacou. “A diretoria da AdUFRJ vai promover os debates mais amplos possíveis. Nós estamos protagonizando esse movimento de debate sobre o Future-se”, ressaltou o professor Felipe Rosa, diretor da AdUFRJ.

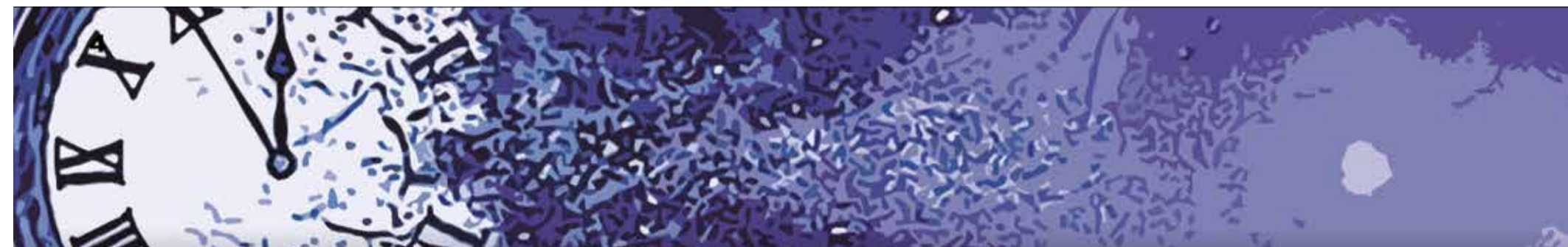
O professor Ricardo Medronho, da Escola de Química, afirmou que a intenção do governo é acabar com o financiamento público das universidades. “O objetivo é claro de corte e já começou”, disse, em referência aos seguidos contingenciamentos do MEC que já somam mais de R\$ 2 bilhões nas instituições federais de ensino superior.

MAIS DECISÕES

A Assembleia Geral também aprovou a comissão eleitoral da Adufjr. Foi composta pelos professores Ricardo Medronho (Escola de Química), Luciano Coutinho (Biblioteconomia) e Hélio de Mattos (Farmácia). O processo para o biênio 2019-2021 será realizado em setembro. As inscrições de chapas vão até o dia 9 de agosto.

Outra comissão vai organizar um ato em Memória, Verdade e Justiça por Fernando Santa Cruz, vítima da ditadura militar, dia 23.

VOLTA ÀS AULAS COM DEBATES SOBRE O PROJETO DO MEC



O debate com o pró-reitor de Planejamento e Finanças foi o primeiro de um ciclo que será realizado pela Adufjr. Além disso, o Andes e a reitoria já têm uma agenda para debater o projeto do MEC na UFRJ.

SEGUNDA-FEIRA 5 DE AGOSTO

FÓRUM DE DECANOS
E DIRETORES
10H
SALA DO
CONSUNI

DEBATE
14H
SALA 3 do prédio anexo à
Escola de Serviço Social
Com a participação da professora Eblin Farage, secretária-geral do Andes

DEBATE
15H
IFCS
Com professores dos Institutos de História e de Filosofia e Ciências Sociais sobre as ameaças do Future-se para a universidade

QUINTA-FEIRA 8 DE AGOSTO

CONSELHO
UNIVERSITÁRIO
9H30
SALA DO
CONSUNI

PALAVRA DA DIRETORIA: ASSEMBLEIA, DEBATE E CONSTRANGIMENTO

Como não poderia deixar de ser, a assembleia de professores da UFRJ, realizada na última quinta-feira, 1, foi dominada pelo “Future-se”. Essa proposta recentemente lançada pelo MEC para o ensino superior. Conforme já noticiamos extensivamente em nossos meios de comunicação – e, em particular, nas três últimas edições do Jornal da AdUFRJ – o Future-se pode levar ao fim das universidades públicas como as conhecemos hoje.

ALÉM DE INDICAR um estrangulamento do investimento estatal fundamental para a pesquisa básica e “desinteressada”, o projeto coloca as políticas recentes de ampliação e democratização do acesso à Universidade em alto risco. Deveria ser desnecessário dizer que tal oposição ao projeto veio após debates e reflexões, mas tamanha é a fúria dos tempos atuais que nossa capacidade de discutir e avaliar está sendo posta à prova.

É VERDADE QUE TEMOS um presidente da República ignorante, mentiroso e cruel.

Que não tem o menor apreço pelas instituições democráticas, e se investe de um patriotismo caricato para odiar o Brasil. Além disso, também é verdade que seu ministério da educação, Abraham Weintraub, está travando uma guerra ideológica contra as universidades, e conta com o apoio das hostes bolsonaristas em seus ataques. Se isso, em limites insuportáveis, poderia justificar investidas do mesmo calibre contra o governo, jamais deveria servir de pretexto para constranger e até mesmo impedir o debate verdadeiro e fraterno entre nós.

NO ENTANTO, na última assembleia foi dito explicitamente que a AdUFRJ não deveria sequer debater o Future-se. A fala foi bastante aplaudida pelo pleno. Foi dito, também, para um professor que, se desejasse ver uma apresentação de contraditórios, deveria “se demitir”. Foi dito ainda que a reitoria não pode fazer uma consulta à comunidade, pois isso mostraria uma disposição de negociar propostas.

UMA REUNIÃO de professores, que deveria primar por seus argumentos e contraditórios, tornou-se uma caixa de

ressonância de frases feitas simplistas, disparadas por vezes com raiva absolutamente indigesta.

O FUTURE-SE ESTÁ AÍ.

Algumas pessoas importantes, em várias universidades, já se posicionaram simpaticamente a ele. Precisamos vencer essa batalha articulando nossos campi, as ruas e o Congresso, e não vamos conquistar absolutamente ninguém para a nossa causa criando esse ambiente beligerante, intolerante e superficial.

ENTREVISTA | ROMILDO TOLEDO E SUZANA KAHN, DIRETOR E VICE-DIRETORA DA COPPE

DESAFIO É MANTER COPPE COMO INSTITUIÇÃO À FRENTE DO SEU TEMPO

GIULIA VENTURA
giulia@adufjr.org.br

A cerimônia de posse da nova diretoria da Coppe ocorreu nesta sexta-feira, dia 2. O **Jornal da AdUFRJ** ouviu os professores Romildo Dias Toledo e Suzana Kahn sobre o desafio de gerir uma unidade gigante em um contexto de déficit orçamentário. São 130 laboratórios e 66 mil m² de área construída. Eles passam a cuidar de mais de 2,4 mil alunos de mestrado e doutorado, 346 professores, mil técnicos e 700 pesquisadores.

■ Jornal da Adufrj - Quais são os principais projetos?

Romildo: Queremos trabalhar para fortalecer a qualidade do que fazemos aqui, aumentar a internacionalização, tendo um ambiente de criação, de inovação e de desenvolvimento tecnológico forte. Isso tudo dentro de um cenário de aperto econômico. Temos que trabalhar firme para manter a estrutura. Buscar recursos para continuar a ajudar o país no desenvolvimento de uma indústria que possa contribuir para o Produto Interno Bruto do país, que possa voltar a gerar riqueza, criando empregos de qualidade. Hoje, quase um terço dos alunos que se formam em pós-graduação, mestrado e doutorado, não encontram mais empregos. Em três décadas, o Brasil passou por um dos maiores processos de desindustrialização do mundo. Chegou a representar 21% do nosso PIB. Hoje, não passa de 12%.

Suzana: Nossa ideia é levar a Coppe para atuar em novas fronteiras do conhecimento. Algo bem característico desse novo momento que vivemos é uma grande interdisciplinaridade. Buscar esses eixos vai agregando uma série de profissionais de diferentes programas da Coppe e até mesmo de fora. Na questão das plataformas de petróleo, por exemplo, há uma série de impactos da Biologia Marinha, que não é a expertise da Coppe. É importante que tenhamos consciência disso e comecemos também a privilegiar esse tipo de participação/integração. A inovação também é muito importante. O Brasil está muito atrasado nesse quesito. É nossa responsabilidade, ainda, mostrar as vantagens que o Brasil tem ao incorporar a questão climática, como, por exemplo, a bioeconomia. O Brasil é um país extremamente biodiverso.

■ Existem metas até o fim deste ano?

Romildo: Nós temos só seis meses até o fim do ano. A prioridade na qualidade acadêmica é meta básica. O desenvolvimento desse ecossistema de inovação também é uma meta importante, flexibilizar processos, aumentar nossa eficiência administrativa. Mas são metas a serem perseguidas ao longo dos quatro anos. Estamos apostando muito em projetos de interesse e inovação social, Engenharia da Saúde, sustentabilidade, cidades inteligentes – são todas as áreas em que temos muito interesse em fomentar o desenvolvimento. Queremos também flexibilizar procedimentos, a luta contra a burocracia é uma constante, a digitalização é muito importante.

■ A Coppe foi citada no projeto mais recente do Ministério da Educação, o Future-se. A direção tem alguma avaliação sobre o tema?

Romildo: A Coppe foi citada, porque uma parte do que o projeto propõe – que é essa interação com o setor produtivo, com a indústria – já fazemos há muitos anos. É um reconhecimento desse trabalho. As ferramentas para fazer, nós já temos. Temos a fundação de apoio da Coppe, a Coppetec, que nos dá suporte neste desenvolvimento há muito tempo. O que o Future-se precisa é nos dar garantias institucionais de que nós podemos fazer isso de forma autônoma, com uma burocracia menor. Nos dar ferramentas para que possamos utilizar isso dentro da nossa autonomia universitária. Não é claro se as Organizações Sociais, que estão apresentadas no projeto, nos garantirão isso. Vemos com preocupação. Precisamos entender melhor essa proposta.

Suzana: Acho que é fundamental contribuir, no sentido de melhorá-lo e eliminar aquilo que nós achamos que não deve



DIVULGAÇÃO/COPPE

“A ciência básica, por exemplo, é investimento de governo. Nenhuma empresa vai se interessar em financiar uma ciência que não tenha, a priori, nenhuma aplicação”

SUZANA KAHN
Vice-diretora da Coppe/UFRJ

■ Como avançar a Ciência em meio aos cortes orçamentários?

Suzana: Precisamos buscar outras fontes de financiamento, mas não no sentido de substituir as existentes; é para complementar. As atuais, nós temos que brigar por elas. Não tem como o país se desenvolver sem investimento em ciência e tecnologia. Todos os que se desenvolveram no mundo só estão na posição que estão, porque tiveram esses investimentos. A ciência básica, por exemplo, é investimento de governo. Nenhuma empresa vai se interessar em financiar uma ciência que não tenha, a priori, nenhuma aplicação. Um dos nossos papéis é explicitar isso para toda a sociedade. A criação de fundos patrimoniais também é outra área que estamos atuando. Mas nada disso em substituição ao recurso governamental.

■ Que Coppe o senhor espera entregar ao final da gestão?

Romildo: A Coppe, desde sua fundação, sempre foi uma instituição inovadora, à frente do seu tempo. Um desafio para quem assume a posição de dirigir a Coppe é manter essa tradição histórica.

constar. Até porque os recursos que eles apontam só vão acontecer lá no futuro mesmo. E estamos com problemas sérios no presente.

DIRETOR DO INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS ESPACIAIS É DEMITIDO

■ Reconhecido internacionalmente, o cientista Ricardo Galvão foi exonerado da direção do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe), na sexta-feira, dia 2. A demissão acontece depois de duas semanas de tensão entre a instituição e a presidência da República, em função da identificação do aumento do desmatamento na Amazônia. Jair Bolsonaro descredenciou os dados do Inpe, insinuando sensacionalismo. Segundo o instituto, houve aumento de 40% na perda da floresta em um ano. Galvão defendeu a

credibilidade do monitoramento. Luiz Davidovich, presidente da Academia Brasileira de Ciências (ABC), lamenta que o governo brasileiro abra mão de um cientista tão qualificado e sério. “Galvão é reconhecido por sua idoneidade”, disse. Para ele, países que misturaram ciência com política ficaram prejudicados ao longo da história. “Perde-se credibilidade internacional. Uma demissão assim pode indicar que as instituições não têm liberdade de expor seus dados de pesquisa. Dados não podem ser filtrados”, criticou.

MEC LIBERA MESTRADO E DOUTORADO À DISTÂNCIA

■ O MEC liberou a oferta de pós-graduação stricto sensu (mestrado e doutorado) à distância. A Capes está com um edital aberto até o dia 9 para credenciamento de instituições interessadas em oferecer programas nessa modalidade. Existem algumas restrições à aplicação da modalidade. O requisito geral é que as instituições que desejam implementar a pós stricto sensu EAD precisam ter no mínimo nota 4 no IGC (Índice Geral de Cursos) do MEC. Pesquisas realizadas em laboratórios, por exemplo, precisarão

continuar sendo feitas presencialmente, assim como seminários. “Grande parte dos cursos que pediram para se credenciar para o Ensino à distância (EAD) são de universidades públicas”, informou a presidente da Associação Nacional dos Pós-graduandos e integrante do Conselho Superior da Capes, Flávia Calé. “Isso sinaliza a garantia de um padrão. A questão não é se são à distância ou não, mas assegurar que sejam mantidos critérios rígidos de qualidade”, completou.

Tira-dúvidas sobre a PEC da Previdência

>Assessoria Jurídica da Adufrj responde aos docentes sobre a Proposta de Emenda Constitucional que muda regras de aposentadoria e pensões

ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufjr.org.br

Enquanto a PEC nº 06/2019 aguarda votação em segundo turno na Câmara – o recesso parlamentar acabou dia 1º, mas as atividades só devem retornar dia 6 –, os professores da UFRJ tiram dúvidas sobre seus casos. Há perguntas de diferentes gerações e unidades da universidade. As respostas podem ser úteis para muitos, mas a advogada Ana Luisa Palmisciano ressalta que a categoria possui muitas regras de transição e excepcionalidades. Para mais esclarecimentos, é recomendado que os associados agendem consultas junto ao plantão jurídico da entidade pelos telefones 3884-0701 ou 2230-2389.



FOTOS ELISA MONTEIRO

ETHEL MENEZES
Professora Titular da Filosofia

“Logo que começou esse papo de reforma, eu procurei conselhos jurídicos com um amigo advogado. Faltam quatro anos para eu aposentar. Ele disse que meus direitos estão todos garantidos. É isso mesmo? Outra dúvida: eu trabalhei um ano em universidade particular. Isso vale para a contagem? Dá tempo de colocar na contagem?”

Jurídico: O servidor que ainda não preencheu as regras para se aposentar permanece nas chamadas regras de transição. São exigidos 30 anos de contribuição para mulher e 35 para homem; 20 anos de serviço público e 5 no cargo; pontuação (somatório da idade e do tempo de contribuição) que começa em 86 para mulher e 96 para homem, subindo, até atingir, respectivamente 100 e 105). Para a manutenção do benefício da paridade e integralidade (apenas para aqueles que ingressaram no serviço público antes de 2004) é necessário ter 65 anos (homens) ou 62 anos (mulheres). Se for necessário completar tempo e se este tempo de universidade particular for anterior ao ingresso na UFRJ, vale a pena pedir uma certidão de contribuição no INSS e pedir a averbação na UFRJ.

ANA LETÍCIA
Professora da Escola de Enfermagem

“Tomei posse na Escola de Enfermagem em fevereiro de 2019. Por advertência da minha mãe, contribui no INSS desde 2012, primeiro por conta própria e depois, por dois anos, na rede municipal

de saúde e outros dois anos como professora substituta na própria UFRJ. Esses sete anos de contribuição contam para o tempo? Caso aconteça algum acidente ou circunstância que me leve à invalidez, ganho alguma coisa?”

Jurídico: Os sete anos anteriores ao ingresso na UFRJ podem ser contados como tempo de contribuição. Para isso, é necessário pedir as respectivas certidões de tempo de contribuição para averbar na UFRJ. Pelas novas regras, é previsto benefício por incapacidade permanente para o trabalho quando insuscetível de readaptação. Neste caso, será obrigatória a realização de avaliações periódicas para a verificação da continuidade das condições que ensejaram a concessão da aposentadoria.

RENATA LIBONATI,
professora da Meteorologia

“Entre em 2015, já no novo regime, e aderi à previdência complementar para poder me aposentar dignamente. Também contribuí voluntariamente desde 1998. Ainda não averbei isso. Vale a pena fazer isso ou não?”

Jurídico: O tempo anterior ao ingresso na Universidade pode ser computado. Para tanto, será necessário pedir uma certidão de contribuição no INSS e pedir a averbação na UFRJ.

“Sou professor da UFRJ e minha esposa é psicóloga da universidade. Ela já está em abono permanência. Temos três filhos, dois deles moram conosco. A mais nova tem 23 anos e faz FAU. Como fica a situação da pensão, caso eu venha a falecer ou ela?”

Jurídico: Caso a reforma venha a ser aprovada, a pensão será a média do salário, calculada como é para a aposentadoria. Será aplicada uma cota familiar de 50% desse valor, acrescida de cotas de 10% para cada dependente, até o limite de 100%. As cotas por dependente cessarão com a perda desta qualidade e não serão reversíveis aos demais dependentes. Pelas regras atuais, são dependentes, para fins de pensão, os filhos menores até 21 anos de idade.

SÍLVIO LIMA
Professor da Escola Politécnica

Já há dez anos no abono permanência. “Em que ainda posso ser atingido? As mudanças na pensão me atingem? Outra dúvida: hoje, em função de um câncer, sou dispensado do imposto de renda. A reforma mexe nisso?”

Jurídico: As novas regras de pensão atingem os casos de óbito de servidor que ocorrerem após a reforma, caso aprovada. A PEC não altera as regras de isenção de IR por doença grave.

RENATA LIBONATI,
professora da Meteorologia

“Entre em 2015, já no novo regime, e aderi à previdência complementar para poder me aposentar dignamente. Também contribuí voluntariamente desde 1998. Ainda não averbei isso. Vale a pena fazer isso ou não?”

Jurídico: O tempo anterior ao ingresso na Universidade pode ser computado. Para tanto, será necessário pedir uma certidão de contribuição no INSS e pedir a averbação na UFRJ.

PROJETO DO IPUB AMPLIA CIDADANIA DE JOVENS PACIENTES

■ Garantir a inclusão social de crianças e adolescentes com transtornos de saúde mental em espaços culturais e de lazer. Esta é a proposta do projeto de extensão Circuito Carim, que envolve profissionais e estudantes do Instituto de Psiquiatria. Criado em 2017, o projeto desenvolveu uma colônia de férias para os pacientes e familiares atendidos. Em sua maioria, moradores das comunidades da Zona Sul: Pavão, Pavãozinho,

Cantagalo, Chapéu Mangueira, Santa Marta e Ladeira dos Tabajaras. Além do exercício de cidadania, o circuito proporciona o papel de instrumento clínico para os usuários. “Observamos que há uma diminuição do índice de internações após as atividades do projeto. Os vínculos familiares também são fortalecidos”, explica a técnica-administrativa Claudete Veiga. O formato da colônia de férias, com os passeios que serão reali-

zados, é elaborado em conjunto com os usuários e familiares. Na última edição, mês passado, foram feitas visitas ao Museu Eva Klabin, na Lagoa, e ao Museu Imperial, em Petrópolis. O encerramento ocorreu no Clube dos Empregados da Petrobras (CEPE), na Cidade Universitária. A AdUFRJ foi uma das entidades que colaboraram para o financiamento das atividades. Portadores de autismo, esquizofrenia ou depressão, os jo-

vens participantes do projeto derrubam qualquer receio de que não poderiam conviver com as regras de visitação a um museu, por exemplo. “Claro que nós, profissionais, estamos lá fazendo a mediação. Mas eles conseguem estar nos espaços que antes não seriam considerados pertinentes a eles”, afirma a técnica-administrativa Leticia Freitas. Segundo ela, muitos deles – e de seus familiares – vivem, pela primeira vez, a ex-

periência de viajar para fora do Rio ou de conhecer um teatro.

HISTÓRIA

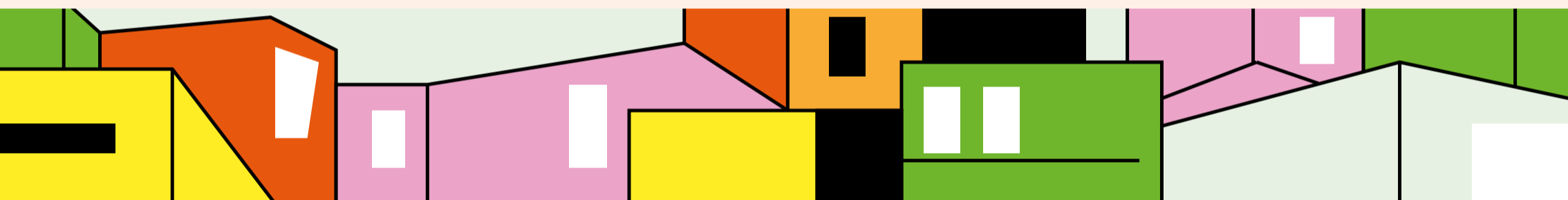
As crianças e adolescentes atendidos no projeto são pacientes do Centro de Atenção Psicossocial (CAP) do IPUB. Os CAP são fruto da reforma psiquiátrica que, a partir do final dos anos 70, modifica o tratamento clínico da doença mental, eliminando gradualmente a internação. **(Kelvin Melo)**



> Mais de 500 jovens se reúnem na UFRJ para o Encontro Nacional de Casas de Estudantes. Em comum, além dos sonhos, eles partilham as angústias pelos cortes de bolsas e recursos para assistência estudantil

ELISA MONTEIRO

Diversidade em defesa das RESIDÊNCIAS ESTUDANTIS



ELISA MONTEIRO
elisamonteiro@adufrrj.org.br

Diz o ditado que quem casa quer casa. Mas muitos que desejam fazer faculdade também precisam de um teto. Mais de quinhentos jovens se reúnem até 4 de agosto na UFRJ para discutir e trocar experiências sobre a realidade das Casas de Estudantes.

“A precariedade é o principal ponto da assistência como um todo. Não estão construindo casas nem reformando. As bolsas estão sumindo e os editais de apoio também”, diz Marcos Beber, estudante de Artes Cênicas da Universidade Federal de Santa Maria. O corte social do encontro fica evidente pela predominância de negros, negras e estudantes da comunidade LGBTQTT. “O perfil das Casas é de vulnerabilidade, de quem fica à margem”, justifica o aluno trans, da UFMS. Gláucio Nogueira, estudante negro do curso de Defesa e Gestão Estratégica Internacional da UFRJ (DGEI) e um dos organizadores do evento, concorda. “Somos maioria no encontro e na demanda mesmo”.

Gláucio conta que a edição reserva, pela primeira vez, um “dia negro” na programação. Entre os debates realizados na quarta-feira (31), houve uma reunião só para candomblecistas. A discussão encaminhou uma proposta para aprovação na plenária do encontro nacional, no final de semana: cobrar das reitorias

segurança em relação à intolerância religiosa nos campi.

UFRJ ESCOLHIDA

É a segunda vez que a UFRJ sedia o encontro. A primeira foi em 2013. O retorno, segundo a organização do encontro, atendeu a um pedido local de ajuda, depois do incêndio de uma das alas do alojamento. Morador do alojamento da UFRJ, Gláucio aponta problemas de estrutura, como sistema elétrico e janelas precárias. Mas também afirma que a residência estudantil “é muito melhor do que a vila”, em referência à vila residencial de funcionários da UFRJ, atualmente tomada por repúblicas estudantis. “O alojamento não é o ideal, mas tem mais apoio. Os cafés (servidos aos alunos, na casa, de manhã e à tarde) são bem importantes para nós”.

FOTOS JULIA NOIA



Vinte e duas universidades enviaram delegações. “É um encontro totalmente independente”, diz a aluna Júlia Neves, da Faculdade de Letras da UFRJ e uma das coordenadoras do movimento. A programação conta com palestras, mesas e grupos de discussões, mas também com espaços livres e de cultura. O Restaurante Universitário concentra as atividades de socialização. As plenárias são realizadas no Centro de Ciências da Saúde e na Fa-

culdade de Letras. A Escola de Educação Física e Desportos recebe as áreas para banho e descanso

AUTONOMIA

As Casas Universitárias ainda ajudam os estudantes a assumirem um sentido de liberdade. “Com certeza foi determinante para eu sair do armário”, relata Charly Souza. Na Federal de Pernambuco, ela divide quarto com outras três trans. A construção de um alojamento misto na UFPE foi fruto do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni).

O programa de assistência estudantil



da instituição atraiu o jovem cearense com família em São Paulo. Mas, desde 2016, a política da área sofre retrocessos. “Reestruturaram os programas, cortando transporte e o principal, que é a alimentação”. Os valores das bolsas também reduziram muito, segundo ela.

“Fazemos de tudo para abrigar mais um, dividimos camas, nos apertamos”, afirma Charly, que faz Pedagogia. Para ela, “a casa acolhe e adoce a gente ao mesmo tempo”. Em sua visão, as reito-

rias ainda apresentam dificuldades para lidar com a demanda “do dia a dia” dos estudantes. “As administrações sempre dizem que não têm recursos. Mas mesmo quando têm, não querem aumentar as vagas. As Casas têm muita autonomia. Eles (gestores) não dão conta”, avalia.

REIVINDICAÇÃO

No dia 1º, a reitora da UFRJ, Denise Carvalho, esteve reunida com aproximadamente 150 discentes do Movimento de Casas de Estudantes. Os representantes do MCE reivindicaram que as universidades tratem a assistência estudantil como prioridade da gestão.

“Vocês são muito bem-vindos. São a força da universidade pública, gratuita e de qualidade. A pauta colocada aqui é a pauta da atual reitoria”, disse Denise. A professora informou que está sendo feito um diagnóstico da residência estudantil para, em seguida, ser apresentado um projeto executivo de reforma. Adiantou que será criado um Fórum de Políticas Estudantis, como espaço de diálogo permanente entre a pró-reitoria da área e os alunos (**com informações do site da UFRJ**)



DIVERSIDADE de cores, sotaques e histórias no encontro realizado na UFRJ

AdUFRJ

JORNAL DA UFRJ / REDAÇÃO: COORDENAÇÃO: ANA BEATRIZ MAGNO CHEFIA DE REPORTAGEM: KELVIN MELO EDIÇÃO ANA PAULA GRABOIS, KELVIN MELO E SILVANA SÁ
REPORTAGEM ANA PAULA GRABOIS, ELISA MONTEIRO, KELVIN MELO E SILVANA SÁ DESIGN ANDRÉ HIPPERTT ESTAGIÁRIAS GIULIA VENTURA E JULIA NOIA
TI EDUARDO VALDOSKI DIRETOR RESPONSÁVEL PELA COMUNICAÇÃO FELIPE ROSA